

## Escuta Profunda\*

Alba Pedreira Vieira\*\*

---

\*Pesquisa realizada com apoio da FAPEMIG.

\*\*Alba Pedreira Vieira é Ph.D. em Dança pela Temple University/TU (EUA); professora associada vinculada à Universidade Federal de Viçosa/UFV, Viçosa, Minas Gerais, Brasil; Endereço para correspondência: Acamari, casa 116, Viçosa, MG, 36570-000; Endereço eletrônico para contato: [apvieira@ufv.br](mailto:apvieira@ufv.br)

## Resumo |

Compartilho experiências vividas em e com uma aldeia indígena Krahô, Manoel Alves Pequeno (no Estado do Tocantins), e a performance fruto dessa convivência registrada em videodança, que se intitula “Cuhĩ”. Para construir e/ou ampliar significados sobre essa experiência com os Krahôs, coloco na prática a pesquisa que chamo de “artística in-ex-corporada”, que se nutre da Prática como pesquisa, Pesquisa Experiencial e Pesquisa Performativa. Por meio da escuta atenta, de observações assistematizadas e contínuas que ocorreram durante a convivência cotidiana, e de interações que percebi como espontâneas, fluidas e naturais, aprendizados e conhecimentos me foram presenteados, os quais apresento nesse texto. Nesse processo de ‘transitividade cultural’, ao compartilhar com eles de seu escasso alimento, comia também, talvez de forma antropofágica, a energia generosa da convivência que escolhe por ‘gastar’ o tempo com conversas e aprofundamento das relações. Escutar, escutar mais e melhor, escutar profundamente. Conversas ‘levadas’ horas a fio. Embrenhar-se na reflexão existencial de forma leve. Há ênfase no diálogo, que se torna cada vez mais escasso nos meios em que convivo, e que ali acontecia de forma orgânica. Mas não há porque romantizar. Eles/somos povo guerreiro que resistem a vários problemas e desafios. Ao finalizar minha apresentação dessa experiência vivida com os Krahôs na Conferência “Engajando com comunidades: Pedagogias criativas”, na Universidade de Auckland (Nova Zelândia, 22 a 25 de novembro de 2017), recebi a seguinte pergunta: Como podemos ajudar os Krahôs? Minha resposta é: Será que podemos, também, inverter a lógica dessa pergunta?

**Palavras-chave:** Krahôs; Performance; Dança; Transitividade cultural.

Compartilho experiências vividas em e com uma aldeia indígena Krahô e a performance fruto destas. Esse mergulho na vida cotidiana e cultura dos Krahôs aconteceu em fevereiro de 2017, na Terra Indígena Craolândia, onde visitei várias aldeias, incluindo a Aldeia Manoel Alves Pequeno, local em que fiquei a maior parte do tempo. Nesses arredores dos municípios de Goiatins, estado do Tocantins, pude conviver com muitos das mais de 300 pessoas que vivem na aldeia, em especial com Hyjnô Kraho, irmão do cacique, e com sua mãe, que gentil e pacientemente tentou me ensinar a língua Jê (mas que, infelizmente, não consegui minimamente aprender). A história dos Krahô é 'tatuada' por

[...] sua incessante luta por sobrevivência e autoafirmação, num cenário marcado por disputas, conflitos, resistência e obstinação. Isso porque insistem em continuar existindo enquanto povo distinto linguista e culturalmente da sociedade de seu entorno, majoritária e hegemônica, que tem como característica marcante a aniquilação das formas de ser e de viver dos povos indígenas brasileiros. (ALMEIDA; SOUZA, 2014, p. 7).

Em minha chegada ao local, acompanhada pela cacique das mulheres que havia encontrado no posto de saúde indígena na cidade, alguns membros da aldeia reuniram-se para aprovar ou não minha estadia ali. Depois do que me pareceu ser uma longa conversa, em que me sondarem de várias formas, incluindo saber mais sobre mim e o que queria fazer ali, fui finalmente aceita para ficar na aldeia. Só mais tarde fui entender que esse foi meu primeiro aprendizado com eles: é preciso ter paciência e tranquilidade em processos que levam a tomadas de decisões, porque o meu tempo (e pressa) é obviamente muito diferente do deles.

Foi também nesse momento que comecei a perceber que, se aceita pelos líderes, seria aceita pelos demais membros da aldeia. Como explica Krahô:

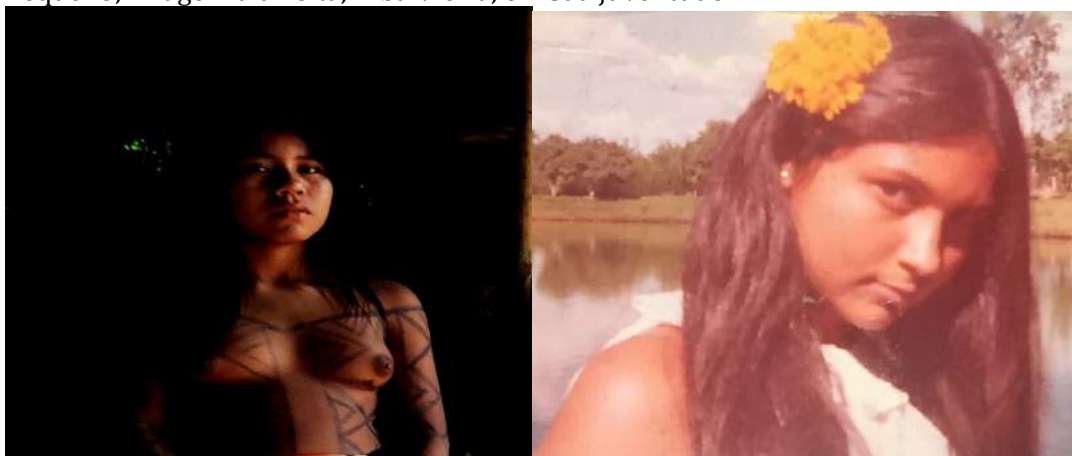
Como em toda sociedade existem suas hierarquias e organizações sociais, nos povos indígenas também há suas organizações e hierarquias. No quadro de hierarquia Krahô, existe uma escala de líderes. E todos esses líderes passam de geração para geração ou pelo espírito de liderança existente nas pessoas. (KRAHÔ, 2017, p. 18)

À medida que me entranhava no cotidiano e cultura Krahô, inúmeras outras descobertas e aprendizados se (acon)chegaram. Por exemplo, algo que chamou muito minha atenção: a capacidade de resistir. Eles resistem mantendo a língua (poucos adultos dominam a fala na língua portuguesa), crenças (não há nenhum cristão na aldeia), hábitos e rituais (por exemplo, a maioria das mulheres se vestirem somente com cangas, ficarem descalças e com seios à mostra; as caçadas; a corrida de tora). Esta, uma aldeia indígena diferente de todas as outras que havia conhecido. Krahô (2017, p. 18) explica que na Aldeia Manoel Alves Pequeno há uma política de fortalecimento da língua indígena. Conhecimentos e saberes tradicionais são transmitidos às crianças na língua materna. Garantem assim, a manutenção da língua e da cultura às próximas gerações.

Com o passar dos dias, fui me entregando ao fluxo do modo de viver único e especial daquela comunidade. Aos poucos, outros aspectos me saltaram aos olhos, ouvidos, pele, corpo todo: a luta pela dignidade e o orgulho de serem Krahôs. Valores e princípios próprios daquele povo, meu, nosso povo, que me exigia/e muito respeito, sensibilidade, cuidado. Importante frisar que todas as imagens usadas nesse texto foram tiradas por mim com a autorização dos Krahôs, e que demorei alguns dias até finalmente começar a fazê-lo. Obtive também autorização para publicar essas fotos em trabalhos acadêmicos.

Tenho sangue/DNA indígena, africano, europeu. Demorou para que minha família me revelasse claramente minha ascendência indígena, apesar da evidência nos traços, na cor da pele e cabelo (vide imagem 1).

**Fig 01.** Imagem à esquerda de uma índia da tribo Krahô da aldeia Manoel Alves Pequeno; Imagem à direita, Alba Vieira, em sua juventude



Fotos de Alba Vieira, 2017 e Nice Reple, 1980

Foi bem ali, naquele local, que tive o privilégio de conviver e descobrir mais não somente sobre os Krahôs, mas também sobre mim mesma e nossa sociedade 'daqui de fora' de Craolândia. Não poderia romantizar minha estadia lá e dizer que foram dias maravilhosos, que mudaram completamente minha vida. Porém, deslocamentos internos aconteceram em vários sentidos.

### A pesquisa artística in-ex-corporada

Para construir e/ou ampliar significados sobre essa experiência com os Krahôs, coloco na prática a pesquisa que chamo de "artística in-ex-corporada", que bebe e se nutre da Prática como pesquisa (HASEMAN; MAFE, 2009), Pesquisa Experiencial (BOND, 2003) e Pesquisa Performativa (HASEMAN, 2009). "Pesquisa artística in-ex-corporada" é um caminho que tenho elaborado desde 2007 (pesquisa de doutorado) e, desde então, desenvolvido e experimentado em vários momentos da minha trajetória artística. Essa proposta clama que os envolvidos na investigação artístico-perfomática estejam em pleno estado de presença (estar com si, com o outro e com o ambiente que nos cerca). Uma postura a ser assumida nos processos criativos em dança, nos momentos em que 'artistamos', seja criando, fazendo, ou apreciando. Mas, em todos esses

momentos, o estado de escuta parece-me ser imprescindível. A mãe do cacique da aldeia Manoel Alves Pequeno disse que meu primeiro nome, Alba, significa escuta. Será que na dramaturgia da vida, nós “cupẽ” (não indígenas – mas, ... será que existimos?) preferimos fazer ouvir nossas vozes, ou procuramos também estar no estado de escuta?

Acredito, nessa perspectiva in-ex-corporada, que nosso engajamento e presença corporal no momento de vivências criativas requer que nossos múltiplos sentidos estejam conectados ao dentro-fora, pois não existe a separação rígida que se acredita no senso comum entre o que é externo e interno. Há uma ênfase em unir ao invés de separar, assim como em outras culturas também não orientadas pela tradição greco-romana, a exemplo do yoga (cuja significado é união). Senti essa conexão de maneira muito forte com os Krahôs – como se pertencesse a aquele lugar e aquele povo. Mas, será que esse sentimento não seria verdadeiro?

Para amplificar as conexões dentro-fora nos processos criativos na dança, podemos acionar nossas percepções, a fim de que haja uma ligação indissolúvel nas trocas constantes entre o conhecimento que se processa no corpo pessoal e o conhecimento processado nas trocas com outros corpos e com o ambiente. Com os Krahôs, aprendi que o conhecimento é um presente, que nunca é individual, mas sempre coletivo. Não existe dentre os Krahôs a lógica dos direitos autorais e, talvez, jamais existiriam processos por plágio (cada vez mais usuais na sociedade ocidental) de determinado conhecimento, entre nós brancos, tratado como ‘original’ e produzido por um indivíduo. O que não aprendemos e (re)elaboramos na troca com os outros?

Sugiro que, para ampliar possibilidades de conhecimentos construídos nos processos criativos em dança tornarem-se significativos, eles precisam ser ‘in-ex-corporados’. Ou seja, no momento de sua elaboração, deve haver profunda conexão interna-externa (incluindo conexões de sensações, sentimentos e emoções com as de outros sujeitos e aspectos em gerais do contexto). Nesses momentos, há sincronia, não

necessariamente harmonia, como se o conhecimento viesse de um só corpo ou unidade que contém partes diferenciadas. O conhecimento em geral, e em processos criativos em dança em particular, aumenta suas chances de se tornar 'in-ex-corporado' ao acionarmos múltiplas maneiras de perceber, fazendo conexões e mediando caminhos, formas e possibilidades. Desse modo, poderíamos abrir espaços e canais para incorporar e excorporar (por meio do estabelecimento de conexões consigo, com o meio e o outro) significados no grau máximo. Ao abraçarmos a construção de significados como parte do processo de conexões internas e externas, consideramos que significados estão em 'contato-improvisação' constante. Foi nesse estado que me coloquei com os Krahôs, e sinto que eles assim se colocaram comigo. Pareceu-me um contato-improvisação, em que usar de maneira produtiva a força de si e do outro leva a uma força e empoderamento coletivo.

Outro aspecto da pesquisa in-ex-corporada, é o pensar que, para além do momento da experiência, essa pode tornar-se experiência vivida (VAN MANEN, 1997, 2002). Significados, ao serem in-ex-corporados, tornam-se parte do nosso "ser a devir". Presentes, como diriam os Krahôs. Mas, assim como nós mudamos, também podem transformar-se em significados construídos: não há mundo e ser estáveis. Sob esta perspectiva, in-ex-corporação se cria, se materializa, se (re)constrói, 'dança' e se faz 'artista' de acordo com a interminância existencial. Ser torna-se *sendo*; fazer, *fazendo*; artistar, *artistando*...

## Ritual das cantigas

Noite. Mulheres e crianças vamos ao pátio. Em pé, fazemos uma fileira. Horas cantando, mesma posição em pé (figura 2).

**Fig 02:** Mulheres em pé na fileira, observam o Pàtre conduzindo com seu chocalho outro ritual no pátio da aldeia Manoel Alves Pequeno.



Foto de Alba Vieira, 2017.

Quem anda de um lado para o outro, incessantemente, dirigindo os cantos, é o Pàtre (figura 3).

O Pàtre é o mestre de cerimônia dos rituais. Ele tem o papel de realizar festas e ser atuante na hora que está acontecendo às festividades na aldeia; é a pessoa mais importante da festa, pois somente ele sabe como conduzir o ritual e por isso é o mais respeitado por todos. (KRAHÔ, 2017, p. 24).

**Fig 03:** Pàtre com seu maracá conduzindo ritual no pátio da aldeia Manoel Alves Pequeno.



Foto de Alba Vieira, 2017.

Pàtre marca o ritmo com o maracá, instrumento feito do fruto cuité. A música vocal é um dos aspectos mais elaborados e marcantes da vida ritual e artística dos Krahôs, conforme me contaram. Cantigas ritmadas que me lembram "lenga-lengas". Começo a me sentir como que entrando em transe; não me aguento em pé mais. Vou desfalecendo aos poucos. Fico de cócoras no chão. Sento. Exausta e repleta. Depois de horas a fio em que elas cantam e permanecem em pé cantando cantiga após cantiga. Vou dormir na minha rede, que amarrei na casa do cacique, como me foi indicado no primeiro dia. Todos ainda permanecem no pátio cantando.

## Banhos

Manhã e tarde. Homens, mulheres, crianças vamos ao rio (figura 4). Todos pelados, menos eu (até hoje, ainda não consigo entender

porque não me senti à vontade para tirar a roupa). Várias vezes ao dia, repetimos o lavar, banhar, refrescar e brincar na água. Não enxergo direito o que acontece; uso lentes de contato e as tirei. Escuto muitas vozes, mas somente vejo os vultos. Minha escuta fica mais aguçada, por não conseguir enxergar bem. Conversas trocadas sem parar, risos. Formas corporais, que identifico pelo tamanho como crianças pulam no rio do barranco, dos troncos na beirada do rio. Parece-me uma pintura expressionista borrada, com várias tonalidades e sonoridades.

**Fig 04:** Índios Krahô indo e voltando do rio. Aldeia Manoel Alves Pequeno.



Foto de Alba Vieira, 2017.

### Caçada e Corrida de toras (Kỳj Catêjê e Harã Catêjê)

Noite alta. Homens e algumas poucas crianças saem com facões, arcos e flechas, lanças e vão ao mato, caçar. Mulheres, depois de muita conversa (no meu caso, escuta), vão dormir. Manhã cedinho. Retorno deles, de mãos vazias. Mesmo assim, mais tarde, realizam a corrida de

toras em torno do pátio, compartilhando entre si as comidas que lhes foram preparadas pelas mulheres enquanto caçavam (figura 5).

**Fig 05:** Índios Krahô se reúnem no pátio da aldeia Manoel Alves Pequeno para compartilhar a comida que lhes foi preparada pelas mulheres enquanto caçavam.



Foto de Alba Vieira, 2017.

A identidade masculina Krahô associa-se diretamente à condição de “bom caçador”, “andarilho” e “corredor”. As atividades de caça, pesca e coleta e agricultura estão intimamente associadas ao conhecimento que os Krahô possuem sobre a natureza, suas potencialidades e limites. (KRAHÔ, 2017, p. 21). A cacique das mulheres segura orgulhosamente uma tora sobre os ombros e caminha facilmente, me mostrando sua força corporal. Eu tento. Impossível até me manter em pé direito. Ainda mais caminhar com todo aquele peso.

## Trocas e presentes

Ganhei: um colar de miçangas amarelas e pretas com uma mandala (figura 6); uma bolsa/cesto de folhas de buriti. Sempre via esses

cestos dentro das casas e dependurados, que usavam para carregar ou guardar alimentos, objetos.

**Fig 06:** Colar.



Foto de Alba Vieira, 2017.

Dei: roupas e brinquedos para as crianças; pamonhas e carne que comprei no supermercado na cidade, já que não conseguiram trazer nada da caçada.

### Síntese da Escuta ou Síntese “Cuhĩ”

Aprendi, ou melhor, ganhei, pela experiência vivida (VAN MANEN, 1997), o presente do conhecimento de uma outra forma de organização comunitária, diferente do que comumente praticamos nas nossas universidades, cidades, estados, enfim, na federação brasileira. Nos é comum que escolhas e decisões sejam baseados no que conhecemos como ‘democracia’. Decisões para os gregos eram tomadas nas ágoras; a decisão era vencedora segundo o voto da maioria. Decisões para os Krahôs são tomadas nos pátios; mas percebi que não havia votação entre os indígenas. O voto não é necessário, já que a proposta é construída no coletivo. Conversam e se escutam no pátio o tempo necessário para decidir propostas que atendam a todos do grupo.

O pátio, ‘órgão’ principal do ‘corpo’ da aldeia, é a escola viva onde as crianças e os jovens aprendem rituais importantes realizados lá. É um espaço aberto e comunitário que todos respeitam porque é sagrado. Dizem entre os Krahôs que o homem que não vai ao pátio, não tem conhecimento e nem interesse em participar das atividades da comunidade. (KRAHÔ, 2017, p. 22).

Os homens organizam-se no pátio (figura 7), mas as mulheres também possuem líderes dentro de suas organizações. Se descontextualizada, a seguinte afirmação de um índio Krahô poderia ofender ‘feministas’: as mulheres não têm líderes femininas “na mesma esfera dos homens. As lideranças femininas são bem mais delicadas, e elas se organizam em prol das atividades de menor relevância. Elas não têm autonomia em decidir algo com maior peso.” (KRAHÔ, 2017, p. 24).

**Fig 07:** Índios Krahô reunidos no pátio da aldeia Manoel Alves Pequeno.



Foto de Alba Vieira, 2017.

A experiência com os Krahôs exacerbou o que venho percebendo há anos em vários espaços-momentos de (con/m)vivência: necessidade

do estado de prontidão à escuta e à mudança. Deslocamentos, danças, andanças. Exploração e conexão espacial e temporal. Alguns exemplos? Comumente, usamos a expressão “jogar conversa fora”. Isso, para maioria de nós é quase sinônimo de perder tempo, conversando assuntos/temas tidos como ‘inúteis’, não produtivos. Com os Krahôs, aprendi a ‘jogar conversa dentro’. Aprendi a arte de conversar sobre ‘nada’, em que se diz e reflete sobre ‘tudo’. Sentados em círculo, de cócoras, sobre troncos de árvores, passavam(os) horas assim sentados e conversando, sem necessidade premente de um assunto, ou um argumento a se defender, ou uma conclusão a se chegar. A conversa não tinha a função de se chegar a uma decisão ou explicação conclusiva. Mais do que ponto final, a conversa ampliava espaço (abertura ao externo e ao mais amplo) e o que passei a chamar de ‘expasso’ (lugar para o passo/deslocamento do pensamento do outro). E para reticências, pontos de exclamação, dois pontos. A possibilidade da continuidade marcava as conversas. Que também eram literalmente nutridas pela cata de piolhos.

Krahô (2017) explica que a oralidade nessa aldeia, como na maioria dos povos indígenas, é o principal meio de transmissão cultural, repassando a cultura de geração para geração. Dentro dessa lógica, percebi e apreendi com a cognição corporal holística, com ‘outros sentidos’, sem entender intelectualmente uma palavra do que diziam, no círculo espiralado da conversa, que havia mansidão, calma ao se expor, lentidão (o que às vezes pode nos soar pejorativo, pois ser lento é ser preguiçoso, fraco mentalmente, talvez?). Mas, também confiança no ambiente acolhedor do jogo da ‘conversa dentro’. Dentro do círculo que acolhe.

Mas não nos deixemos enganar. Estou falando de um povo guerreiro. Crítico. Que questiona o bolsa família, porque percebeu que esse ‘auxílio do governo’ pode levar ao acomodamento da compra fácil no mercado. Perigos, alertas: comprar arroz, feijão, farinha, carne, frango, verdura e abandonar completamente o cultivo da terra, o caçar, o pescar.

Comprar e usar creme e *shampoo*, ao invés de extrair e passar óleo de buriti na pele e cabelo. Adotar a língua portuguesa e se esquecer da língua nativa.

Cuidados com sua/nossa história, que continuamente é escrita, pois.

É fato que a História do Brasil omite perversamente a importância que nos indígenas têm na constituição da Nação Brasileira. Colocados numa invisibilidade institucionalizada, os Krahô historicamente se mantêm silenciados e sobrevivem porque não abriram mão de sua ancestralidade, seus mitos, ritos e universalidade, na dialética entre o ser e não ser indígena numa realidade onde a sociedade majoritária e sua cultura predatória impõem a aniquilação de povos cultural e linguisticamente distintos. (ALMEIDA; SOUZA, 2014, p. 7).

Estou falando de povo (que são/somos) corajoso, lutador quando necessário. Principalmente, para manter suas/nossas culturas, modos de existência e crenças.

Nas conversas, somente escutava (com todos sentidos alertas), porque não sabia como me comunicar na língua Jê. Mas, era premente a necessidade existencial de sair do meu mundo do silêncio, para entrar na *performance* daquele palco compartilhado. O que eu fazia pelo corpo holístico.

Frequentes eram as ofertas de compartilharmos toda a comida disponível. Por exemplo, o pouco milho cozido que tinham. “Come um!” Entedia bem o que diziam quando faltavam colocar a espiga em minha boca. Mas, como comer um milho, se éramos 15 e havia cinco espigas? Quanta generosidade!

Mas comi. Porque compreendi que ao comer o milho, comia também, talvez de forma antropofágica (Andrade, 2011), a energia generosa da convivência que escolhe por ‘gastar’ o tempo. Escutar, escutar mais e melhor, escutar profundamente. Horas a fio. Embrenhar-se na reflexão existencial de forma leve. Buscar pelo diálogo (FREIRE,

2002), que se torna cada vez mais escasso nos meios em que convivo, mas ali acontecia de forma orgânica.

### *A performance*

A partir destas experiências vividas, uma *performance* foi criada e registrada em um videodança, ainda em processo. Ela se intitula “Cuhĩ”. Os Krahô se autodenominam “mêhĩ”, termo dado aos falantes da língua Jê e que vivem e convivem com culturas bastante semelhantes. Dessa ampliação, surgiu o termo “cupẽ”, denominando todos os não indígenas (KRAHRÔ, 2017). Como me sinto com ‘um pé lá’ (com sangue indígena, pois minha bisavó era índia, pega no laço por um português) e ‘outro pé cá’ (sendo também mistura sanguínea, entre europeus e africanos), não me percebo como “mêhĩ” e nem como “cupẽ”. Sou “Cuhĩ”.

No primeiro momento da *performance*, partes do meu corpo são exibidas simultaneamente. Olho, orelha, pés (figura 8), partes corporais separadas no jogo da edição do vídeo, que querem unir-se para aumentar a possibilidade de escuta, assim como os Krahôs; para sintonizar forças e energias; para aumentar espaços de trocas; para incrementar o estar aberta a receber presentes de conhecimento coletivo – isso é o processo que chamo de ‘transitividade cultural’.

**Fig 08:** Pés em busca da união.



Foto de Viktor Maforte, 2017.

No segundo momento, movimento-me com uma roupa preta (figura 9), que muitas vezes uso em aulas de dança e em apresentações artísticas. O preto, considerado “chique” na nossa sociedade, fora da Craolândia, por muitos. Uso o colar amarelo e preto que me foi presenteado (figura 9).

**Fig 09:** Figurino preto.



Foto de Viktor Maforte, 2017.

As movimentações são aquelas de minha zona de conforto como intérprete-criadora – incluindo dança contemporânea, improvisação e *performances* – por décadas. Predominam: peso forte, tempo moderado para rápido e rápido, ritmo bastante variável, uso dos três níveis (alto, médio e baixo – figura 10), constante mudança de direção (figura 11), contraste entre: formas angulares e sinuosas (figura 12), fluência livre e controlada (figura 13) e exploração espacial direta e indireta – estas, características bastante diferentes das movimentações que presenciei na aldeia entre as mulheres e mesmo na movimentação do Pàtre, quando lidera um ritual (geralmente, ele anda em linha reta; faz uso direto do

espaço, batendo com peso leve os pés no chão, tempo moderado e ritmo muito constante). Exploro também passos técnicos codificados, como giros e saltos.

**Fig 10:** Nível baixo (à esquerda), movimentando para o nível médio (meio), nível alto (à direita).



Fotos de Viktor Maforte, 2017.

**Fig 11:** Constante mudança de direção.



Fotos de Viktor Maforte, 2017.

**Fig 12:** Movimentos contrastantes de braços: angular à direita e sinuoso à esquerda



Fotos de Viktor Maforte, 2017.

**Fig 13:** Movimentação com fluência controlada



Fotos de Viktor Maforte, 2017.

No terceiro momento, uso uma canga rosa, similar às cangas que as mulheres e meninas Krahôs geralmente usam (figura 14).

**Fig 14:** À esquerda, criança Krahô vestida com canga - Aldeia Manoel Alves Pequeno; à direita, o uso da canga na *performance*.



Foto de Viktor Maforte, 2017.

Minhas movimentações nesse terceiro momento são fruto das escutas e observações assistematizadas e contínuas que ocorreram durante a convivência cotidiana com os Krahôs. Gestos que criam partitura em tempo real a partir de interações que percebi como espontâneas, fluidas e naturais. As movimentações são, em sua maioria sinuosas, de fluxo indireto, tempo moderado para lento e repetitivas. Estou pintada de preto somente na frente, tendo como modelo a pintura usada pela índia Krahô da figura 15. Ela foi pintada com tintura extraída do jenipapo (o urucum também é muito utilizado), mas eu utilizei tinta corporal industrializada.

**Fig 15:** Índia jovem Krahô pintada - aldeia Manoel Alves Pequeno.



Foto de Alba Vieira, 2017.

A escolha de pintar o rosto de um lado amarelo e do outro verde, lembrando cores da bandeira brasileira, foi uma liberdade artística; o gesto recorda também o processo de colonização português (figura 16).

**Fig 16:** Rosto Pintado de amarelo e verde (à esquerda); à direita meu corpo pintado somente na frente.



Foto de Viktor Maforte, 2017.

No quarto momento, estou pintada na frente e atrás. A pintura de trás foi totalmente criada por Caio Fillype, colega artístico que também havia feito, cuidadosamente, a pintura do momento dois, procurando ser o mais fiel possível ao modelo (índia Krahô da figura 17). Essa pintura dá asas à imaginação ao invés de efetuar uma cópia: a pintura corporal foi feita à frente e atrás e prolonga-se das coxas aos pés. Também mais imaginativos e híbridos são meus movimentos, que se misturam, unindo os meus conhecidos com os que são frutos da convivência com os Krahôs. Isso, além de novos gestos e movimentos que brotam da necessidade orgânica daquele momento performático, especial dentre os demais porque é um dueto. Busquei dançar com carinho e cuidado com a co-performer com a qual interagi todo o tempo desse quarto momento de “Cuhĩ”: a Cobra Jibóia Arco-Íris (figura 18), gentilmente cedida pelo Coordenador do Museu de Zoologia da Universidade Federal de Viçosa, professor Renato Feio. Escolhi esse animal pela sua importância na cultura Krahô. Melatti (1999) explica essa importância com o seguinte

exemplo: um Krahô está ligado ao pai, à mãe, irmãos, meio-irmãos e filhos por um laço corpóreo de tal natureza que determinados atos seus, como matar uma cobra, podem afetar um parente que estiver passando por uma crise (período pós-natal, doença, picada de cobra etc).

**Fig 17:** Pintura corporal à frente e atrás, e que se prolonga das coxas aos pés.



Foto de Viktor Maforte, 2017.

**Fig 18:** Interação com a jibóia Arco-íris.



Foto de Viktor Maforte, 2017.

## Para muito além da Craolândia

Ao finalizar minha apresentação dessa experiência vivida com os Krahôs na Conferência “Engajando com comunidades: Pedagogias criativas”, na Universidade de Auckland (na Nova Zelândia, de 22 a 25 de novembro de 2017), recebi a seguinte pergunta: Como podemos ajudar os Krahôs? Minha resposta: Será que podemos, também, inverter a lógica dessa pergunta?

## Referências

ALMEIDA, Severina Alves de; SOUZA, Rosineide Magalhães de. Apresentação. In: ALBUQUERQUE, Francisco Edviges (Org.), **História Krahô** - Mẽ pa inquêtjê kôt harẽn xà. Campinas: Pontes Editores, 2014.

ANADRADE, José Oswald de Souza. **A utopia antropofágica**: obras completas. 4.ed. São Paulo: Globo, 2011.

BOND, K. **Introduction to Experiential Inquiry**. Slides and Lecture, Course *Meaning in Dance*. Philadelphia, Temple University, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogy of hope**. New York: Continuum, 2002.

HASEMAN, Bradley. Performance as research in Australia: legitimating epistemologies. In: RILEY, Shannon; HUNTER, Lynette (Eds.). **Mapping landscapes for performance as research**: scholarly acts and creative cartographies. Basingstoke, England: Palgrave Macmillan, 2009.

HASEMAN, Bradley; Daniel Mafe. Acquiring know-how: research training for practice-led researchers. In: SMITH, H.; DEAN, R. (Eds.). **Practice-led research, research-led practice in the creative arts**: research methods for the humanities. Edinburgh, UK: Edinburgh University Press, 2009.

KRAHÔ, Renato Yahé. **Proposta do projeto político pedagógico da escola estadual indígena 19 de Abril**. 2017. 110 f. Dissertação (Mestrado em Letras)- Universidade Federal do, 2017. Disponível em: <<http://www.uft.edu.br/lali/uploads/dissertac%CC%A7a%CC%83oyah e.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2017.

MELATTI, Júlio César. **Enciclopédia dos povos indígenas no Brasil:** Instituto Socioambiental. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org>>. Acesso em: 15 ag. 2017.

VAN MANEN, Max. **Researching lived experience:** human science for an action sensitive pedagogy. 2nd ed. Toronto: Transcontinental Printing, 1997.

VAN MANEN, Max. Care-as-worry or “don’t worry be happy.” **Qualitative Health Research:** An International, Interdisciplinary Journal, United States, v. 12, n. 2, p. 262-278, 2002. DOI: <https://doi-org.ez87.periodicos.capes.gov.br/10.1177/104973202129119784>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com.ez87.periodicos.capes.gov.br/doi/abs/10.1177/104973202129119784>

## Abstract |

I share lived experiences in and with an Indigenous village Krahô, Manoel Alves Pequeno (in the State of Tocantins), and the performance that resulted from this visit, which was recorded in a videodance entitled "Cuhĩ". In order to construct and/or amplify meanings about this experience with the Krahôs, I put into practice the research I call "artistic in-ex-bodied", which nourishes itself from Practice as Research, Experiential Research and Performative Research. Through attentive listening, assemblage and continuous observations that occurred during the daily coexistence, and interactions that I perceived as spontaneous, fluid and natural, learning and knowledge were presented to me, which I present in this text. In this process of 'cultural transitivity', by sharing their scarce food with me, I also ate, perhaps in an anthropophagic way, the generous energy of coexistence that chooses to 'spend' time with conversations and deepening of relationships. Listening, listening more and better, deep listening. Conversations 'taken' hours without an end. Embrace in existential reflection in a lightly way. There is emphasis on dialogue, although it becomes increasingly scarce in the environments in which I live. And there within the Krahôs it was so organically so. But there is no reason to romanticize. They/we are warrior people who resist various problems and challenges. At the end of my presentation of this experience with the Krahôs at the Conference "Engaging with Communities: Creative Pedagogies" at the University of Auckland (New Zealand, November 22-25, 2017), I received the following question: How can we help the Krahôs? My answer is: Can we reverse the logic of this question?

**Keywords:** Krahôs. Performance. Dance. Cultural transitivity.